**Há uma boa aristocracia?**

Nos debates que tenho participado, acontece ser criticado à direita, e mesmo à esquerda, por não usar os termos habituais e atacar sobretudo as aristocracias, e não a burguesia. Que as vanguardas e as elites culturais e outras, podem ter um bom papel social, e que assim estou a criticar todos os que se destacam e portanto a nivelar por baixo. Não lhes basta o facto de eu dizer que o que critico é que aqueles que têm vantagens especiais, façam valer essas vantagens para ter condições de vida muito superiores às dos restantes membros da sociedade, quando não mesmo, procuram rebaixar ou prejudicar os outros no acesso a saberes e vantagens, para manterem os benefícios para si.

Por outro lado, sou criticado à esquerda, por defender a concertação, o diálogo entre todos os interesses presentes na sociedade, em vez de advogar a luta e oposição como questão de princípio. De facto os que estão satisfeitos com a situação, defendem a lenta evolução em contraponto à revolução, mas depois nada fazem por essa evolução, o que é muito diferente de defender um firme e persistente investimento no desenvolvimento político social.

Com outras questões, igualmente políticas e sociais, que aparecem de forma muito diversa, torna-se difícil perceber uma coerência, um fio condutor, que nos diga o que é mais importante e por onde começar. Claro que as condições materiais são um importante determinante, e para estas defendo um limite ao Leque Salarial, como algo palpável e importante nivelador. Mas existem conceitos filosóficos importantes que ajudam a equacionar e organizar as acções.

Uma grande fragilidade no pensamento Judaico-cristão, Greco-romano, ou Indo-europeu, vem do facto de não dar um enquadramento rigoroso a estas questões que nos permita ver o que fazer e organizar a solução a contento das várias forças. Com sua visão de castas e classes, de fragmentação social, a via do conflito tem sido a regra histórica.

Alguns pensadores e estudiosos, pressentiram nas filosofias do oriente, algo diferente e desde o século XIX, ou mesmo antes, que se debruçam e divulgam vários conceitos e formas de actuar orientais. Mas mesmo contactando com estudiosos e professores de cultura oriental na Europa, verifico que eles não entenderam algo profundo e determinante, e portanto são incapazes de realçar a profunda diferença de duas correntes de pensamento oriental, incluídas na Filosofia Budista, e com resultados e consequências muito diferentes, que importa conhecer, pois permitem entender idênticas tendências entre nós, mas não tão bem definidas.

Por outro lado a tradução que se faz dessas duas correntes é má, ou por não a terem entendido, ou mesmo porque pretendem que as pessoas o não entendam de forma aberta.

Esta é a questão do que chamam Grande veículo ou Pequeno veículo. Por veículo entendemos algo que nos contêm, que nos envolve, mas que nos transporta, e esta tradução, por isso, orienta mal para a importância determinante da questão. A tradução para mim correcta seria de Grande Via (Mahayana) ou de Pequena Via (Hinayana). Assim como um caminho por onde as pessoas se dirigem com alguma liberdade, mas com limites e com um sentido. Um caminho pode ter veículos, mas um veículo é muito mais limitado do que um caminho.

Ora qual é a diferença fundamental nestas duas correntes de pensamento que se definiram dentro do Budismo, há uns 2200 anos, época final da filosofia grega, na região ao norte da Índia, Nepal e Tibete, com definição do que se chama agora a Grande Via, separando-se da formulação anterior que permaneceu como Pequena Via, que vinha da origem do Budismo e que avançou para a China ao encontro de outros Filósofos políticos já aí existentes.

A Pequena Via defende que as pessoas têm de se dedicar totalmente à oração e meditação, para atingirem níveis superiores de perfeição. Que poucos são capazes de o fazer, e que como não podem nesse caso tratar de seu sustento, têm de ser aqueles que não se dedicam à oração a apoiar e suportar este pequeno grupo, com dádivas e esmolas. Assim se formaram conventos e mosteiros, onde vivem os que se dedicam à oração, e numa vida separada e diferente da restante população. Estes com sua auréola de santos, adquirem um grande ascendente sobre os restantes, profanos, chegando a formas de autêntica teocracia, uma aristocracia que se justifica na sua ligação especial ao seu Deus. A maioria da população fica portanto num nível inferior e com vidas sacrificadas e não são objecto de nenhum plano especial de desenvolvimento.

O grande passo em frente da Grande Via, foi ter abandonado esta visão de teocracia, casta dedicada à oração e parasita da sociedade, e achar que todos têm o dever de orar e encarar um caminho de aperfeiçoamento, portanto muito mais democratizante. E que por tal, não era necessária a existência duma casta e igreja dedicada aos assuntos religiosos e vivendo dos excedentes da sociedade.

Outra grande diferença, é que os da Pequena Via, justificam a sua existência por um pacto especial com o seu Deus, que lhes deu o conhecimento necessário, constituem-se portanto numa Aristocracia do Conhecimento, e este visto como algo estático e do passado, difícil de obter, mesmo com toda uma vida de estudo, e que só elementos muito especiais, os no topo da hierarquia aristocrática dominam, e a que os restantes têm de se submeter e nem questionar.

A Grande Via tem uma abordagem totalmente diferente. Não existe este texto fundador e aliança justificativa dum lugar superior, e por outro lado considera-se que todos os seres humanos são imperfeitos e têm o dever de trabalhar para o seu aperfeiçoamento. Por outro lado, como não existem textos com o conhecimento total e já dado, é pelo trabalho de estudo, comunicação e ensino, que se podem ir descobrindo as verdades e regras da natureza, para as utilizar em benefício de todos, fundamentando o trabalho de Universidades. Assim todos têm de se esforçar por aprender e melhorar ao longo da vida, assim como o dever de ajudar os outros nesse caminho, nessa via, que é ampla justamente por conter todas as pessoas, importantes e humildes.

É bem de ver que os textos fundadores da civilização europeia, do Pentateuco, defendem uma visão de Pequena Via, com sua tribo ou casta, dedicada às coisas religiosas, e vivendo das dádivas das restantes e ainda com seu texto de conhecimento já dado, e aliança justificativa.

Por outro lado, Jesus Nazarita, diz-se que seguiu ao longo da rota da seda das caravanas, e que esteve dos 14 aos 26 anos em contacto com a emergente e em proselitismo, filosofia da Grande Via e trouxe de facto para a sua terra, uma filosofia de Grande Via, em tudo oposta à anterior, advogando que todos e em especial os que eram humildes e habitualmente excluídos dos assuntos religiosos, tinham o direito de pertencer à assembleia, e todos deveriam ao longo da vida levar uma vida exemplar, ensinando-lhes as suas orações simples, não falando da criação duma teocracia, pois seus apóstolos apenas tinham a função de procurar aderentes à nova cultura, mantendo a dignidade pelo trabalho e pelo mérito.

É bem de ver que a Igreja (Eclesia quer dizer Assembleia, ou Soviete) Cristã, ao gerar uma formulação como a Igreja Católica, com seu corpo de religiosos e mosteiros, a viver dos excedentes que procura obter e acumular da restante população, voltou atrás, à formação tradicional de Pequena Via, e por isso traiu no essencial os ensinamentos de Jesus que são claramente de Grande Via.

Ora nesse caso a forma como a Pequena e a Grande Via abordaram as questões da aristocracia, continua a ter um peso grande na forma como entendemos essa questão hoje em dia.

Uma Aristocracia de Pequena Via, pretende ser superior à restante população, que tem um direito especial sobre ela, que é um corpo diferente, e portanto trata só de seus assuntos e acha-se no direito de receber ou mesmo tirar ao restante excedentes para o seu benefício exclusivo. Defende portanto o direito a ter um Leque Salarial ou de rendimentos duma desigualdade abissal, e de oprimir uma maioria de população que vive na miséria física e psicológica.

Uma Aristocracia de Grande Via, por outro lado, acha-se igual aos restantes, que tem de fazer o mesmo caminho de aperfeiçoamento ao longo da vida e de partilhar a mesma vida de trabalho. Que se tem alguma vantagem especial, e por isso é considerada uma pessoa especial, deve colocar essa capacidade, saber ou dom, ao benefício de todos, e que o bom governante, tem este dever ético filosófico, de por um lado ser alguém com especiais capacidades e conhecimentos, como de com eles, e com os meios colectivos que controla, promover o desenvolvimento de todos, e nunca em benéfico pessoal. Este de facto defende a meritocracia, e que o seu ganho seja o reconhecimento do trabalho especial de dedicação ao bem-comum. Pode assim ter um rendimento pouco diferente ou superior aos restantes e é compatível com um leque salarial reduzido. Por outro lado, se se demonstra que a população vive mal, ou que não está satisfeita com seu trabalho, deve colaborar na procura de outro que consiga um melhor resultado pelo bem-comum.

Assim quando eu critico a Aristocracia, é a de nossa cultura dominante e de Pequena Via, os que contrapõem a importância de valorizar o mérito e os com dotes especiais, estão a falar num registo de Grande Via que não é a dominante e portanto na prática, não se demarcando da filosofia dominante, estão a abrir a porta para sua instalação, pois no nosso sistema, profundamente Católico e portanto de Pequena Via e Aristocratizante opressivo, o mérito não tem mecanismos filosófico culturais e sociais para se impor.

Quando falo de concertação e de investimento na evolução, estou também a defender uma cultura de Grande Via, e é natural que aqueles que estão no registo de Pequena Via achem que só com luta e confronto se pode conter a classe aristocrática dominante, o que é verdade nesse registo. A minha intervenção pela evolução, é uma que inclui sobretudo as questões culturais e sócio-económicas determinantes, que permitam aceder a uma cultura de Grande Via, com uma Aristocracia neste registo, uma verdadeira elite empenhada no bem comum, afinal retomando os conceitos de Platão, que só neste contexto podem ser positivos. Só neste caso podemos evoluir de forma sustentada para uma sociedade superior, e para isso temos de erradicar a base político-filosófica de Pequena Via que sustenta todas as formas de Aristocracia, em benefício particular, e que ainda impera largamente entre nós, como Corrupção de Topo, Clientelismo e Plutocracia.

Saudações

Eduardo Birnbaum Marqs, 2012-01-04